



Editorial

ARA O nome *Ara*, que designa Tempo no tronco linguístico tupi-guarani, foi eleito também por instituir entes essenciais à vida, entre os quais luz, aurora, nascimento e renovação, como incide todo dia no mundo. Associam-se a estes indicativos, outros, raros na hora atual: lucidez, iluminação, união entre extremos e temporalidade, responsáveis para pensar o Outro na chave de humanidade. *Ara* compõe inúmeras palavras como prefixo, para nomes de pessoas, ruas, rios e cidades, que recordam um veio submerso, ou seja, o papel fulgurante de várias etnias na formação das Américas.

A *Revista ARA* situa-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/FAU da Universidade de São Paulo/USP, que revela bela experiência de união entre História, Tecnologia e Projeto, os Departamentos em que se divide, para formar cidadãos, mais que profissionais, a par de diferenças e embates. O Grupo Museu/Patrimônio-GMP, em sua revista, busca temas transdisciplinares para debates, confrontos e trocas. Antes de efetuar chamadas para ensaios,

em texto ou imagem, o GMP expõe-se à crítica, em número inaugural voltado para o OBJETO. A publicação será bianual, com chamadas nos próximos para artigos, ensaios e resenhas relacionados. Cada trabalho será analisado, ao menos por dois parecerista, indicados pelo Conselho Editorial.

O OBJETO criação do humano acompanha-o desde os primórdios, servindo para produzir sustento, calor, estender o braço, defender ou atacar, encenar mitos e ritos. O valor deste firma uma entre as bases fecundas a sustentar a cultura material e o saber. Amplia-se, desde o final do século passado, ao que se acordou denominar cultura imaterial, a considerar processos, fazeres e tradições locais. Assim, avaliou-se como oportuno revê-lo para apartar o OBJETO da rotinização causada pelo costume, mercado e ao banalizá-lo como signo de mero bom gosto, bela forma e distintivo de classe social.

A palavra OBJETO apenas surgiu no Século XVI, no seio da escolástica, sinal de devastador repúdio à alteridade religiosa. Coincide com o desborde dos limites supostos pelos europeus para a conformação territorial. O tempo mundo se transmuta graças às invenções, navegações e o confronto com culturas distintas. OBJETO vem do latim *objectum*, referente à coisa, materialidade e finalidade, daí a utilização de *objetivo*. Aglutina OB, aquilo que se encontra diante de, fora de, vale dizer, oposto a SU, no sentido de - si próprio, ao sufixo EJECT, salto, jato, avanço, mutação e intenção prefixada.

A análise do percurso do OBJETO se encontra na edição inaugural da *Revista ARA*, a englobar processo de musealização e novas definições museais, até questões coadunadas à memória e à cultura desta época. Assim, se aprofundam situações de mudança na destinação de formas, quando acolhidas em coleção de casa-museu, a documentar formas de viver; também ao expô-las em curadoria externa ou interna aos museus e para a plateia urbana.

O texto conjugado de Anna Rahme e Márcia Merlo, esta membro do Conselho Editorial, aborda a acervo imagético difundido em mídia digital, a partir de princípios da Nova Museologia e de recentes mudanças nomeadas. Ambas se envolveram durante cinco anos com o Museu da Indumentária e da Moda/

MIMo. Avaliam conceitos, discutem as conjecturas ideadas, as lutas enfrentadas na ação e refletem sobre representações, na acepção de Roger Chartier.

Regina Lara e Paulo Barbosa refletem em seu ensaio sobre uma ação conjugada de ambos para restauro relativo a objeto singular. Referem-se ao Portal do Parque Fernando Costa em São Paulo, projetado pelo engenheiro Mário Tomaz Whately, com vitrais do artista Antônio Gomide, em parceria com a Casa Conrado. Profissionais cuidadosos investigaram documentos de época para realização da intervenção, estendendo a pesquisa a outras soluções similares de época, resultando em análise acerca de processos, soluções visuais e práticas operativas significativas.

O OBJETO exposto para fruição crítica, contemplativa e relacional com público em geral vem ganhando estudos em áreas diversas, e aqui na *Revista ARA* dois articulistas questionam o tema. Amanda Ruggiero aprofunda investigações feitas durante o doutorado, no ensaio que interroga depoimentos recolhidos, para discorrer sobre como a crítica norte-americana fomentou a recepção local de Hélio Oiticica, após este congregar mostras internacionais, com curadoria assinada por estudiosos bem divulgados no ambiente.

Adrienne Firmo vem atuando na proposição e interpretação de exposições icônicas, que se valem de OBJETOS desafiadores, ao lado de pesquisas sobre mídias evanescentes, a citar performance, e os desafios impostos para se musealizá-las, aqui e no exterior. Em diálogo com os conceitos de *política de estado e máquina de guerra* de Gilles Deleuze e Félix Guattari, ela coteja, para esta edição, obras propositivas e as recentes ocupações por movimentos sociais, formados por estudantes em espaços institucionais desde 2015.

Inúmeras vezes a representação de dado OBJETO se alterou, contrariou ou expandiu consagradas funções, sendo até submerso no olvido. Dado singular se opera na representação de variadas formas de deslocamento, a fundamentar imagens em diferentes mídias, sob a temática da *mobilidade urbana*, em São Paulo, merecendo análise transdisciplinar. Na *Revista ARA*, Márcia Gregori versa sobre este significativo conjunto que enseja detectar a

multiplicação de procedimentos e preconceitos ainda infelizmente disseminados na sociedade.

A cultura moderna se voltou para pensar o OBJETO para amplos segmentos urbanos. Entre nós, os modernistas defenderam causas e clamaram por mutações do saber e o produto material desse esforço chegou a USP. Ingressaram formas, ações, textos e valores, originando museus, bibliotecas e arquivos, como em outras instituições similares pelo mundo. A USP se ombreou às principais do mundo, produzindo conhecimento em presença de OBJETOS.

A recepção de OBJETO em museu pode se basear em viés quantitativo, qualitativo, ou estético, destacando-se os conceitos propostos por Hans Robert Jauss. Como mostra Paulo Barbosa, acervo e coleções salvaguardadas em museus percorrem uma série de processos preservacionistas, a incluir a modalidade casa-museu, para a qual já projetou. Entretanto, nesta amplia-se a desejada análise, levando-se em conta a domesticidade, o espaço e a arquitetura, os últimos também OBJETOS. Entre tantas, na casa-museu ocorrem com frequência diversas soluções, e o ensaio debate e questiona resultados.

Thiago Rocha documenta uma recente conquista, a conclusão da FAU/ USP tendo participado do GMP durante a etapa. O trabalho constou de conjunto ímpar agregando estudos com forte contribuição de conceitos firmados por autores como Georges Didi-Huberman e Peter Zumthor, desenhos e imagens fotográficas sobre a cidade. Aqui discorre sobre a cidade enquanto objeto interpretável.....

Esperamos vocês para trocas, considerações, críticas e sugestões sobre este número inaugural da *Revista ARA* e para os próximos. Grupo Museu/ Patrimônio

Maria Cecília França Lourenço

Anna Maria Rahme